

(Transcrição)

Castelgandolfo, 16 de fevereiro de 1987

## MARIA NA EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

A alguém que, em 1947, nos havia perguntado por que não se falava de Maria, respondemos que Maria é a porta que nos introduz em Deus.

"Ave, porta do augusto mistério"<sup>1</sup>, canta o Hino Acátisto.

E a porta não é porta se não se abre para deixar passar. Uma porta sempre fechada é uma parede. Quem se detém diante da porta, não chega a Deus. A porta é para chegar a Jesus.

A Virgem é o vazio de si, o esquecimento, o esquecimento de si: é a criatura que se reconhece criatura, mesmo quando é plena de Deus.

O Ideal da unidade indicava a meta e, por isso, continha o meio. O meio deve desaparecer perante a meta. Porém, só quem alcançou realmente a meta, abençoa o meio.

E estávamos convencidos de que, quem vive a unidade (e assim é outro Jesus), ama muito e sinceramente Maria.

Maria usou para com o nosso Movimento a mesma maneira usada para com a Igreja: ficou na sombra para deixar toda a luz a quem devia tê-la, o seu Filho, que é Deus.

Mas quando chegou o momento da sua entrada, por assim dizer, oficial no nosso Movimento, então se mostrou, ou melhor, Deus a revelou a nós grande proporcionalmente a quanto soube desaparecer.

Foi em 1949 que Maria disse ao nosso coração realmente algo de si. Foi um ano de graças particulares, provavelmente um período "iluminativo" da nossa história.

Compreendemos que Maria, cravada como rara e Única criatura na Santíssima Trindade, era toda Palavra de Deus, era toda revestida da Palavra de Deus.

E se o Verbo, a Palavra, é a beleza do Pai, Maria, "substanciada" de Palavra de Deus, era de uma beleza incomparável.

Foi tão forte a nossa impressão diante desta compreensão que ainda hoje não podemos esquecer-la; ou melhor, percebemos por que naquele momento nos pareceu que só os anjos podiam balbuciar qualquer coisa acerca dela.

Eis, portanto, a primeira clarificação de Maria que o Senhor nos quis fazer: Maria, Palavra de Deus.

Afinal, que Maria é toda Palavra de Deus já se diz no Magnificat, por exemplo, cuja originalidade está precisamente no fato de ser uma síntese de frases da Escritura.

Isso faz-nos perceber que Maria se alimentava de tal maneira das Escrituras que estava habituada, ao falar, a usar as suas expressões.

Diz Laurentin: "(No) cântico (do Magnificat) cada elemento da frase é o eco de um passo da Bíblia (...) Ali se vê Maria tão impregnada da Palavra de Deus que se torna o seu eco. Por isso não nos devemos admirar que Deus (na Anunciação) lhe responda (através do Anjo) da mesma maneira. À Virgem, nutrida pelas Escrituras, o mensageiro celeste fala na linguagem das Escrituras"<sup>2</sup>.

A originalidade de Maria - embora no seu caso na perfeição sem par - era a que deveria ter todo o cristão: repetir Cristo, a Verdade, a Palavra, com a personalidade que Deus lhe deu.

1 Hino Acátisto, "Horologium", Roma 1937, pp 899-900, versão do grego, in AA.VV, Lodi alla Madonna, Ed. Paoline, Roma 1979, p. 39.

2 R. Laurentin, La Vergine Maria, Roma 1970, 3ª ed. pág. 44.

Este ver Maria como Palavra de Deus pareceu-nos sempre pleno de reflexões e de consequências. Basta pensar no diálogo ecumênico.

Ao vê-la assim, com a alma, sentimo-nos atraídas a Maria e nasceu um novo amor por ela. Amor, ao qual ela evangelicamente respondeu, manifestando-se mais claramente à nossa alma tal como era: Mãe de Deus, Theotókos.

Portanto não só a juvenzinha de Nazaré, a mais bela criatura do mundo, o coração que contém e supera o amor de todas as mães do mundo, mas a Mãe de Deus.

Foi suficiente uma mínima intuição deste mistério para nos emudecer em adoração e ação de graças a Deus por ter feito tanto numa criatura.

Maria revelou-nos - não sem uma graça de Deus - uma sua dimensão que até ali ignorávamos completamente.

Sim, porque antes víamos Maria diante de Cristo e dos santos - para fazer uma comparação - como no céu se vê a lua (Maria) diante do sol (Cristo) e das estrelas (os santos). Agora não: a Mãe de Deus abraçava, como um enorme céu azul, o próprio sol, Deus.

Ficamos maravilhadas com a grandeza de Maria, como se a conhecêssemos pela primeira vez.

De fato, Maria é mãe de Deus porque é mãe da humanidade da Única Pessoa do Verbo, o qual é Deus e quis fazer-se homem. Porém, nunca se pode pensar no Verbo dividido do Pai e do Espírito Santo. O próprio Jesus, filho de Maria, diz a Filipe que lhe pede para lhe mostrar o Pai: "Quem me vê, vê o Pai. Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (Jo 14,9-10).

Maria, que contemplávamos contida na Trindade, parecia-nos também conter, num seu modo especial, graças ao Filho, a Trindade<sup>3</sup>.

Diz São Máximo, o Confessor, Padre da Igreja: "Na realidade através da sua encarnação o Verbo de Deus ensina-nos a 'teologia' pelo próprio fato de que nos manifesta em si o Pai e o Espírito Santo. Todo o Pai e todo o Espírito Santo estavam, essencial e perfeitamente, em todo o Filho, mesmo encarnado, embora eles mesmos não se tivessem encarnado."<sup>4</sup>

Deus, no Seu amor ilimitado por esta criatura privilegiada, de certo modo tinha-se "minimizado" diante dela<sup>5</sup>.

Além disso São Paulo, ao falar de Jesus que é Deus, diz que Ele "se despojou a Si mesmo" (Fil 2,7) e isso teve início no seio de Maria.

E perante esta compreensão da grandeza de Maria a nossa alma quase que gritava: só agora conhecemos Maria!

A segunda clarificação que tivemos de Maria foi, portanto, vê-la como Mãe de Deus e por isso feita por Deus capaz de conter de certo modo a Trindade.

Se Maria é Palavra de Deus vivida, não se torna um "obstáculo" para a nossa relação com Cristo, como se pode pensar. Ela encabeça a multidão dos discípulos de Cristo, como primeira discípula.

Se Maria é Palavra de Deus, o cristão com razão a venera e a segue como sua líder depois de Cristo; por isso é que lhe canta, lhe faz quadros, lhe dedica versos, lhe ergue monumentos, desfila pelas ruas em sua honra nas festas a Ela dedicadas.

---

3 "A maternidade divina consiste fundamentalmente nesta relação ontológica singular da pessoa de Maria com a Pessoa do Verbo (na sua distinção, porque só o Verbo se encarnou). Todo o conjunto das relações de graça (que são relações interpessoais) entre Maria e o Verbo em primeiro lugar, mas também entre ela e as outras duas Pessoas, desenvolveram-se a partir da maternidade divina"<sup>3</sup>

4 São Máximo confessor, Oratio Dominica, PG 90, 876 CD, nossa tradução.

5 São Gregório de Nissa, na Homilia da Festa da Anunciação de Maria, diz, dirigindo-se a Maria: "O Senhor está contigo! (...) O Filho no seio do Pai, o Unigênito no teu seio, o Senhor, no modo que só Ele sabe, tudo em todos e todo em ti!". Homilia da Festa da Anunciação PG 62, 765-766, in AA.VV., Lodi alla Madonna, cit. pág. 26.

E, se Maria é Mãe de Deus, é bem diferente de todos os outros cristãos. se o próprio Deus lhe deu tal beleza a ponto de encontrar graça nela, de exaltá-la, como dizem as palavras do Anjo: "Ó cheia de graça, o Senhor está contigo" (Lc 1,28), cabe-lhe certamente um lugar especial ao lado de Deus.

Então, devem entender-se, perto dos tabernáculos nas igrejas católicas e ortodoxas, por exemplo, as imagens de Maria e adquire significado toda a manifestação de honra e de carinho que os homens lhe dirigem.

Uma ulterior compreensão de Maria, que se teve naquele período, foi a da "exemplaridade de Maria, da sua tipicidade", como afirmou depois Paulo VI<sup>6</sup>. Maria, de fato, representava o nosso modelo, o "dever ser", enquanto víamos cada um de nós como um "poder ser" Maria.

O Senhor escolheu para aqueles particulares dons de luz algumas focolarinas, dois ou três focolarinos e um focolarino casado.

Um dia, já todos fundidos numa alma só pelo amor de Deus, que nos envolvia num modo especial, sentimos o desejo de nos consagrarmos a Maria e pedimos a Jesus Eucaristia que fosse Ele a entregar-nos à Sua Mãe como só Ele podia fazer.

O resultado foi um pouco incomum. Aquele ato não representou apenas uma expressão de devoção.

Depois de o termos feito, pareceu-nos compreender que se podia atuar em nós a oração dirigida por Paulo VI a Maria: "...ensina-nos a ser imaculados como tu o és"<sup>7</sup>.

Comprendemos que o desígnio de Deus para o nosso grupo e, por consequência, para o Movimento que nascia, era o de reviver de certo modo Maria, de viver como Maria.

Pensamos que se verificaria em nós, como grupo, o que depois lemos de Montfort acerca de certas pessoas que se doam, a Maria: "O principal (efeito) é que Maria vem viver na alma de tal modo que já não é a alma que vive, mas é Maria que vive nela e que passa a ser, por assim dizer, a alma da própria alma"<sup>8</sup>.

E ainda depois destas iluminações, apercebemo-nos pela primeira vez - num modo que nunca se poderá esquecer - de que Maria era a nossa mãe.

Aconteceu conosco o que disse, ainda criança, Santa Teresa de Lisieux: "Percebi (...) que eu era sua filha (de Maria) e por isso não podia senão chamar-lhe: 'Mãezinha'"<sup>9</sup>.

E mais, esta convicção que tivemos foi tão forte que nos fez sentir a nossa mãe da terra distante, quase como as outras mulheres do mundo. Maria tinha tomado o seu lugar<sup>10</sup>.

Mas, se tínhamos percebido que nós, todos unidos, éramos chamados efetivamente a ser como Maria, compreendíamos cada vez mais que para isso era preciso viver a Palavra de Deus, ou seja, devíamos ser unicamente Palavra de Deus.

E devíamos viver segundo o nosso Ideal: Jesus Abandonado, que - como vimos nos anos anteriores - é a Palavra completamente revelada.

6 Paulo VI, "Homilia pela festividade da Assunção", 15.9.1966, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. IV (1966), Poliglotta Vaticana, 1967, pág. 1065; cf "Lumen Gentium" 63-65.

7 Paulo VI, "Il patrocinio di Maria sulla Pentecoste perenne", 25.10.1969, na Basílica de Santa Maria Maior, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. VII (1969), Poliglotta Vaticana 1970, pág. 687.

8 Luis Grignon de Montfort, *Trattato della vera devozione al «la santa Vergine e il segreto di Maria*, Roma 1985, pág. 205.

9 Teresa de Lisieux, "Ms A, 56v2-57r2", in *Pensieri*, Roma 1977, pág. 59, ed. Città Nuova.

10 João, o Geômetra, escreve: "Tu apareceste como nossa mãe acima das nossas mães; mãe de todos e de cada um mais do que a nossa própria mãe, que nos ama mais do que o que se pode exprimir."

"Discorso sull'Assunzione", n2 66, in A.Wenger, *L'assomption de la T.S.Vierge dans la tradition bizantine du VIe au Xe siècle*, Paris 1955; nossa tradução do francês.

Devíamos guardar dentro de nós só a Palavra de Deus. Então se poderia dizer de certo modo também de nós: "...bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus".

Santificando-nos com a Palavra, seria gerado em nós Jesus, para nós e para os outros.

"Se alguém com a sua palavra - diz São Gregório, o Grande - faz nascer na alma do próximo o amor pelo Senhor, praticamente dá vida ao Senhor e torna-se mãe do Senhor"<sup>11</sup>.

Foram estas as primeiras clarificações que o Espírito Santo nos deu de Maria.

Agora, depois de tantos anos, pode-se compreender que aqueles eram os indícios daquela luz e daquelas graças de Deus que começavam a plasmar, a compor esta Obra viva que espontaneamente haveria de tomar o nome de Maria.

Ali, naquele pequeno grupo, privilegiado por estas intuições, estava presente esta Obra, mas era ainda criança. Depois, à medida que ela foi crescendo, por que outros se fundiram na unidade, evidentemente estas graças foram sendo participadas pouco a pouco a todos, embora nem sempre se apercebessem disso.

Mas depois se seguiu nova luz, chegaram outras graças.

Uma vez, por exemplo, pareceu-nos compreender, por uma intuição toda particular, o que significa Maria, Mãe do Belo Amor. Era-nos espontâneo dizer: "Como és formosa, amiga minha, como és bela!" (Ct 1,15). E mais, parecia que transmitisse também a nós algo da sua maternidade de amor.

Agora que a Obra atingiu a vastidão que sabemos e conhecemos a riqueza da sua maternidade espiritual para com muitos, pode-se compreender como naqueles primeiros anos Maria ia nos introduzindo no nosso específico apostolado de maternidade espiritual, que abrange os mais vários setores da Igreja e da humanidade.

Além disso, um dia, ao contemplar Maria, pareceu-nos compreender melhor como ela ama o Pai, instruída pelo Filho em amar o Pai, e como, por consequência, é amada pelo Pai. Parecia-nos ver plenamente realizada nela a oração de Jesus ao Pai: "que os amaste como Me amaste a Mim" (Jo 17,23), portanto ela era amada pelo Pai como o Filho o era.

Viamo-la, por isso, como a Filha por excelência, "a filha predileta do Pai", como lhe chama o Concílio<sup>12</sup>.

Ela era a filha de Deus - embora num sentido muito diferente - como Jesus é o Filho de Deus. E assim como Jesus é o Filho nascido do amor do Pai, o "Filho do Seu amor", como escreve São Paulo (Cl 1,13), ela, filha de Deus, era - como espontaneamente a chamávamos - a Mulher de Amor. Era muito e extraordinariamente bela!

Lembramo-nos ainda de quando, vendo em Maria tal beleza e não conhecendo ninguém parecido com ela, lhe pedimos para formar aqui na terra uma sua família de filhas e filhos todos iguais a Ela, com a sua fisionomia espiritual.

Agora parece-nos que foi ela mesma que nos sugeriu aquela oração, toda aplicada a tecer aqui na terra, apesar da nossa miséria, aquela que viria a ser a "Obra de Maria".

Chiara Lubich

---

11 São Gregório, o Grande, "Homilia in ev.", referido por São Beda in Commento al Vangelo di San Marco, vol I, Roma 1970, pág.s 116-117; cf "Lumen Gentium" n2 65 in EV 1,441.

12 LG 53, in Ev 1,427.